

## **DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL E MITOS FUNDADORES NOS TERREIROS DE UMBANDA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP**

**Ana Paula Pereira da Silva<sup>1</sup>, Bruno Bahia de Siqueira<sup>2</sup>, Diego Mendes Tescarollo Coelho<sup>3</sup>, Diego Rodolfo do Prado<sup>4</sup>, Robson da Silva Oliveira<sup>5</sup>, orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos M. Guimarães<sup>6</sup>**

<sup>1, 2, 3, 4, 5, 6</sup> – Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos – Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – IP&D – Univap Av. Shishima Hifumi, nº 2911, Urbanova – CEP 12244-000 – São José dos Campos/SP. historia@univap.br

**Resumo-** Este trabalho tem como objetivo contextualizar a religião umbanda em São José dos Campos - SP. Com isso, ao analisar toda sua trajetória desde sua fundação na cidade do Rio de Janeiro recebendo influências de cultos afro-brasileiros existentes nos centros urbanos, que marcaram o caminhar da umbanda, sendo assim, como objeto de estudo direto optou-se por dois casos na cidade de São José dos Campos – SP, os quais evidenciam as diferentes formas em que a umbanda é apropriada. Busca-se compreender a umbanda não apenas como uma religião, mas como um fato social diretamente associado às relações concretas e o contexto social dos indivíduos que a compõe.

**Palavras-chave:** Religiosidade, Umbanda, Aspectos Socioculturais, São José dos Campos.  
**Área do Conhecimento:** História

### **Introdução**

Apesar dos preconceitos que cercam a umbanda ela é uma religião muito difundida nos centros urbanos brasileiros. Enquadra-se nos cultos de matiz afro-brasileira com influências do espiritismo kardecista.

Cabe ressaltar que a umbanda não é somente a soma dos antigos cultos africanos com o espiritismo kardecista, sua origem é decorrente de um processo mais complexo, contextualizado na sociedade industrial do início do século XX. Dentro desse processo forma-se a umbanda, espaço que incorpora para si aspectos da realidade de onde se estabelece, e traz consigo a memória e as representações das camadas populares em forma de entidades: caboclos, boiadeiros, ciganas, entre outros.

No objetivo de apontar as diferenças sociais que se manifestam na umbanda, foram analisados dois terreiros da cidade de São José dos Campos e buscou-se identificar, nos dois casos, a relação dos mitos fundadores com a realidade socio-cultural de seus líderes espirituais e se há identificação do público alvo com o mito, refletindo os contrastes sociais no âmbito regional. A umbanda diferencia-se de outras religiões da mesma matiz por utilizar das entidades focando-se na realização de rituais de cura e para causas "terrenas".

### **Metodologia**

No intuito de analisar a umbanda na cidade de São José dos Campos- SP utilizou-se como principal mecanismo a comparação de dois depoimentos orais de representantes dos terreiros na cidade, com ênfase nos mitos fundadores. Tomamos como base teórica, para a construção do artigo, produções acadêmicas de autores que possuem grande expressividade no que diz respeito à pesquisa de religiões afro-brasileiras.

### **Discussão**

Em linhas gerais, os cultos afro-brasileiros são assim chamados por possuírem influências em comum que remetem aos cultos das nações africanas miscigenados no Brasil com outros cultos presentes em todo o território brasileiro, como os de origem indígena, cristã e espírita. Portanto, para compreender a origem da umbanda é necessário traçar suas ascendências africanas.

Na África, os cultos eram realizados de forma bem particular, variando de região, família ou costume. No entanto, em comum aparece de forma significativa a figura dos orixás, que são deuses vinculados aos elementos da natureza. Como por exemplo, Iemanjá, orixá de figura feminina a qual é relacionada à água salgada, Oxum ligada à água doce, entre outros. Segundo Pierre Verger, "a presença dessas religiões

africanas no Novo Mundo é uma consequência imprevista do tráfico de escravos”. (VERGER 1981: 22)

Levando em consideração as influências africanas no candomblé, e mais tarde na umbanda, verifica-se que a forte presença do tráfico negreiro principalmente na Bahia acarretou em um fortalecimento religioso e cultural, ainda que reprimido e subjugado, resultando então em uma disseminação das religiões africanas.

Uma estratégia das práticas ritualísticas por parte dos negros escravos consistia na tentativa de exercer seus cultos religiosos sem que fossem descobertos pelos senhores. Os Orixás que eram cultuados na África continuaram a serem cultuados no Brasil, porém representados pela figura dos santos católicos.

Se por um lado o regime escravista contribuiu involuntariamente para a preservação de algumas tradições africanas por intermédio de instituições que visavam o controle sobre a população negra, com o fim deste o negro perde os antigos quadros institucionais que lhe ofereciam, mesmo que inadequadamente, certa coesão e preservação de algumas tradições. Com a abolição da escravidão o negro torna-se "homem livre" a buscar espaço em uma sociedade que ainda o discrimina. Igualmente desigual, a população negra se vê obrigada a vender sua mão de obra em concorrência com estrangeiros, brancos, e até mesmo mulatos que buscam diferenciar-se de suas origens negras. (MAGNANI, 1991)

Nesse momento o cenário afro-religioso no Brasil mantinha-se dividido em nações étnicas, entre elas destacavam-se as nagôs, de origem sudanesa, e que praticavam o candomblé; e as bantos, que praticavam a cabula. Segundo Magnani:

As religiões dos bantos eram mais permeáveis à influência de outros cultos: dos candomblés nagôs, a cabula banto assimila a estrutura do culto e alguns orixás; em contato com outras crenças e ritos adota os caboclos catimbozeiros, práticas mágicas europeias e muçulmanas, os santos católicos e, finalmente, sofre o influxo do espiritismo, que fora introduzido no Brasil por volta da segunda metade do século XIX. (MAGNANI 1991: 21)

A umbanda surge no Rio de Janeiro decorrente de um complexo processo social, agregando e trazendo para si diversas influências, os protagonistas desse conjunto heterogêneo de cultos populares eram as camadas marginalizadas carente de inserção na sociedade industrial do início do século XX.

O influxo do espiritismo kardecista sobre esses cultos se deu a partir do momento em que pessoas de camadas médias, afastadas do

kardecismo por determinadas discordâncias doutrinárias, apropriam-se desses cultos e seus ritos agregando-lhes um novo discurso em prol de uma institucionalização.

Segundo Rohde a umbanda tem como mito fundador a história do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Fato ocorrido em 15 de novembro de 1908, quando um jovem chamado Zélio de Moraes com problemas de saúde não diagnosticados procurou um centro espírita em busca de cura, não se sabe ao certo se o mesmo já chegou curado ao centro ou se sua cura ocorreu durante aquela reunião.

Contudo, na mesma noite espíritos de escravos, indígenas e negros começaram a se manifestar e os médiuns ali presentes os convidavam para se retirar, pois ali eles não eram bem vindos, eram considerados espíritos não evoluídos. Nessa mesma noite o espírito do Zé da Encruzilhada manifestou-se em Zélio de Moraes em defesa dos outros espíritos marginalizados e anunciou o início de uma nova religião na qual esses espíritos poderiam se manifestar com liberdade e sem discriminação de cor ou classe social. No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, às 20h o espírito do caboclo Zé da Encruzilhada se manifestou novamente e diante de uma multidão de curiosos anunciou a nova religião, na qual pretos velhos e caboclos poderiam trabalhar. (GIUMBELLI 2002 apud ROHDE 2009)

Com base no contexto em que a umbanda nasce, verifica-se que diferente do candomblé ela trabalha com a manifestação de espíritos ou entidades que desencarnaram. Porém esses espíritos são considerados incultos e atrasados, sendo assim, marginalizados diante da não aceitação kardecista. Em virtude disso elaboraram um espaço próprio, a umbanda, onde são de fundamental importância, pois são os espíritos desencarnados que se manifestam em auxílio dos encarnados. No candomblé é expresso o culto apenas aos Orixás, que são deuses que compõem um panteão, relacionados à natureza. Nos ritos os Orixás não se manifestam como na umbanda, mas são representados diante de símbolos e sinais.

No entanto, dentro da umbanda nascem vertentes que se diferenciam entre elementos da sua estrutura, na qual não se tem uma unidade dos ritos ou doutrinas umbandistas, de modo que cada terreiro, de forma muito particular, tem sua estrutura e seus ritos. Para Magnani:

Não há uma umbanda “oficial”, com relação à qual as mudanças constituiriam deturpações; na realidade, cada terreiro dispõe e combina, à sua maneira, elementos de uma rica e variada tradição religiosa, em torno de alguns eixos mais ou menos invariantes. (MAGNANI 1991: 43)

No plano geral, a vertente com forte influência kardecista evidencia-se materialmente em estabelecimentos rigorosamente organizados, dispendo de templos de fácil localização, rígido horário de funcionamento, pessoas instruídas na doutrina espírita, e, por vezes, os atendimentos chegam até ser organizados por intermédio de senhas. Diferentemente, na umbanda de características "populares" prevalece a informalidade. Os templos, geralmente modestos, são construídos nos fundos de residências. Em termos organizacionais, não há rigor na duração dos cultos que podem ser prolongados de acordo com a necessidade dos atendimentos.

No que condiz a espiritualidade, embora haja culto a entidades em comum, podem-se pontuar diferenças entre os dois polos. Nos terreiros que se encontram próximos do polo kardecista verifica-se a presença maior do culto as entidades da chamada "gira de direita", por intermédio de celebrações de características brandas. Inversamente, nos terreiros que se aproximam do polo "popular" há com mais frequência celebrações as entidades da "gira de esquerda", em cultos intensos marcados pelo consumo de álcool e fumo.

A prática da umbanda, incluindo a organização dos locais de culto, bem como as narrativas, aqui entidades como mitos fundadores, vão se diferenciar segundo o contexto social que a envolve.

Neste sentido, no trecho a seguir, abordam-se dois terreiros de umbanda na cidade de São José dos Campos.

Ao focar no estudo da umbanda, suas representações e variações, na cidade de São José dos Campos verifica-se a existência de terreiros que reproduzem as diferenças emolduradas acima, acentuadas pela influência da vertente kardecista e africana.

A fim de traçar um paralelo destas diferentes realidades serão analisados dois casos distintos que, assim como a religião umbandista, adaptaram-se à realidade de um meio urbano industrializado, como é o caso da cidade de São José dos Campos.

Nas primeiras pesquisas de campo a procura dos terreiros existentes na cidade, apresentou-se certo embaraço por parte de algumas pessoas ao serem questionadas acerca da localização dos terreiros. Evidenciando o desconhecimento ou indiferença a práticas religiosas que fogem ao padrão hegemônico encontrado na cidade.

Contudo, pode-se comprovar que os terreiros que se aproximam dessa vertente kardecista foi mais vezes mencionado, corroborando com a ideia de que esses terreiros dispõem de uma maior aceitação na sociedade. Enquanto o terreiro de

características "populares" evidenciou-se uma maior dificuldade para localizar, o qual só foi possível por intermédio de anúncios on-line.

No primeiro caso temos a Tenda Umbandista, cujo depoente, um senhor com idade por volta dos 70 anos, fundou a Tenda junto com sua esposa, a qual incorpora a entidade fundadora da Tenda. Durante a entrevista, ocorrida em sua residência em um bairro de classe média alta, o depoente demonstrou erudição e um extenso conhecimento teórico acerca do kardecismo. Segundo seu depoimento, sua vivência religiosa iniciou-se em um centro espírita kardecista em outra cidade. No entanto diante da realidade mediúnica de sua esposa surgiu a necessidade de migrar para a umbanda. Vindo então a fundar a Tenda em um pequeno prédio no centro de São José dos Campos.

Atualmente a Tenda Umbandista funciona em um bairro periférico, no entanto dispõe de um amplo prédio próprio no qual acontecem os rituais. Em anexo a esse mesmo prédio funciona uma obra social mantida pela Tenda. Visualmente a Tenda assemelha-se a outros templos religiosos, dispendo inclusive de estacionamento, sala de reunião, secretaria e biblioteca.

Em sua estrutura a organização no aspecto administrativo e religioso se dá hierarquicamente, com presidente, secretária, médiuns e voluntários nas cerimônias. Destaca-se a importância que se dá a formação permanente no que diz respeito à doutrina espírita, como cursos de formação, grupos de estudos e palestras. O depoente enfatiza esse caráter ressaltando que sua função na Tenda seria a de zelar pela doutrina a fim de que ela não se desvie da doutrina kardecista.

No segundo caso evidenciaram-se características distintas em relação ao primeiro, aproximando-o dos terreiros de características "populares". A depoente, uma senhora com idade por volta dos 60 anos, relata possuir 22 anos na umbanda, sendo que seu primeiro contato com a religião se deu devido a uma decepção com a Igreja Católica. E após passar por diversas religiões, incluindo o candomblé, na umbanda se "encontrou espiritualmente".

O terreiro fundado por ela, e no qual a depoente é mãe de Santo, foi construído nos fundos de sua residência em um bairro periférico de São José dos Campos, e por inúmeras vezes foi chamado pela depoente de "meu barracão". Nele são realizados diversos trabalhos de atendimento ao público envolvendo as entidades com as quais ela trabalha, os serviços prestados variam conforme a necessidade dos indivíduos que a procuram, conferindo-lhe um caráter pessoal.

Neste caso nota-se também uma relação de caráter empírico no que diz respeito à doutrina, sendo por vezes relatado pela depoente a falta de interesse no estudo doutrinário privilegiando o contato direto com as entidades o que conseqüentemente acarreta numa maior flexibilidade doutrinária, permitindo assim mudanças na vertente do terreiro.

No aspecto financeiro notam-se características distintas nos dois casos. No primeiro o depoente não cita possuir vínculo financeiro com a Tenda, enfatizando apenas o caráter social. Diferentemente, no segundo caso, nota-se no depoimento a dependência financeira da entrevistada em relação à prática religiosa. Pois, além de ressaltar a renda gerada de alguns trabalhos específicos, a depoente possui em conjunto com seus familiares uma loja de artigos afro-religiosos.

A respeito do mito fundador de cada terreiro, torna-se ainda mais visível a variação entre ambos os casos. No primeiro, a entidade regente fora uma princesa africana trazida como escrava para o Brasil. Enquanto no segundo caso a entidade regente do terreiro fora um boiadeiro que ao incorporar na depoente assinalou o espaço em que seriam realizados os cultos por força do ato de pendurar seu chapéu na parede dos fundos de sua residência.

## Conclusão

Embora haja diferentes interpretações acerca da origem da umbanda e suas variações, é de comum acordo que a umbanda surge nos grandes centros como forma de inserção e interação de diferentes indivíduos pertencentes a diversos segmentos da sociedade.

No caso de São José dos Campos, a umbanda manifesta-se no contexto social de um grande centro urbano, polo industrial e tecnológico. Diante disso, uma tentativa de interpretar as variações da umbanda na cidade, conduz a diferenciação social entre os dois depoentes, a qual é transportada para organização de seus templos, rituais e mitos fundadores.

Ressalta-se que a variação entre os mitos fundadores de cada terreiro igualmente transparece na forma como cada um é organizado, em sua representação interna, resultando numa apresentação externa completamente distinta entre eles.

Para compreender a diversidade entre os dois casos há de se ter em mente a relação do contexto e perfil sociocultural dos praticantes, tal como suas ideias e diretrizes, e como isso se expressa em seus mitos. Portanto é a diferença

entre cada mito fundador que estabelece a linha que cada terreiro irá seguir.

## Referências

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. SAO PAULO: ATICA, 1991.

- ROHDE, B. F.. **Umbanda, uma Religião que não Nasceu**: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. REVER (PUCSP. Online), v. março, p. 77-96, 2009.

- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador. Corrupio, 1981.